



BOLETIM MENSAL DO ESTADO DAS CULTURAS E PREVISÃO DE COLHEITAS

JULHO DE 2025

CCDR
NORTE
Agricultura

Divisão de Programas e Avaliação
Divisões Territoriais da CCDR Norte



Resumo

Segundo dados do Instituto Português do Mar e da Atmosfera (IPMA), julho foi classificado como sendo muito quente e muito seco – o 9º mais quente desde que há registos e o 7º mais quente dos últimos 25 anos. Esta informação, por si só, deve levar-nos a repensar o panorama agrícola nacional (e o regional em particular), reequacionando algumas das escolhas que estão a ser tomadas e as estratégias a seguir no futuro.

À semelhança do mês anterior, julho pautou-se por ser um mês com picos de temperatura muito elevados e com precipitação praticamente nula. Excetua-se um episódio de trovoadas com alguma chuva no dia 20 de julho, que em certos locais foi de granizo com alguma dimensão.

Apesar disso, os abastecimentos hídricos e as linhas de água mantiveram níveis e caudais particularmente bons para esta época do ano, permitindo a realização das necessárias regas em algumas culturas agrícolas – essencialmente hortícolas, fruteiras e vinha.

A vinha entrou no pintor, as pomóideas entraram na reta final antes da colheita (que deverá iniciar-se já no próximo mês de agosto) e as oliveiras já apresentam azeitonas com alguma dimensão e aparente qualidade. Em julho colheram-se os pêssegos, os figos lampos, os cereais de primavera/verão e muitas das culturas forrageiras praticadas na região Norte.

Foi um mês de muito trabalho, mas de grande abundância no mundo rural.

O ano agrícola fica marcado pela necessidade de realização de inúmeros tratamentos fitossanitários, resultado de uma primavera e início de verão bastante chuvosos, que potenciaram o desenvolvimento exponencial de um grande número de doenças criptogâmicas.

Índice

1	<i>Estado do tempo e sua influência na agricultura</i>	5
1.1	Entre Douro e Minho	5
1.1	Trás-os-Montes	6
2	<i>Fitossanidade</i>	12
1.1	Entre Douro e Minho	12
1.2	Trás-os-Montes	15
3	<i>Cereais Praganosos para grão</i>	18
3.1	Entre Douro e Minho	18
3.2	Trás-os-Montes	20
4	<i>Milho grão de Regadio</i>	27
4.1	Entre Douro e Minho	27
4.2	Trás-os-Montes	29
5.	<i>Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão</i>	31
5.1	Entre Douro e Minho	31
5.2	Trás-os-Montes	32
6	<i>Batata Hortas familiares</i>	32
6.1	Entre Douro e Minho	32
6.2	Trás-os-Montes	34
7	<i>Fruticultura</i>	38
7.1	Entre Douro e Minho	38
7.2	Trás-os-Montes	43
8	<i>Vinha</i>	56
8.1	Entre Douro e Minho	56
8.2	Trás-os-Montes	57
9	<i>Olival</i>	62
9.1	Entre Douro e Minho	62
9.2	Trás-os-Montes	63
10	<i>Prados, pastagens e culturas forrageiras</i>	64
10.1	Entre Douro e Minho	64
10.2	Trás-os-Montes	67
11	<i>Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção</i>	75

1 Estado do tempo e sua influência na agricultura

1.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 1. Regadio tradicional com bom caudal de rega, Pias - Monção, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves



Figura 2. Milho de sequeiro com sintomas de stress hídrico, Sopo - V. N. Cerveira, zona de observação do Minho

As condições climatéricas registadas no mês de julho estão a ser prejudiciais para muitas culturas, principalmente para as temporárias de sequeiro, que veem o seu desenvolvimento vegetativo comprometido.

Nas culturas de regadio verificou-se um incremento das regas, mas ainda assim, nos milhos de sementeira mais tardia e em solos arenosos, estas não foram suficientes para garantir o normal desenvolvimento das plantas.

Têm sido igualmente desfavoráveis para culturas permanentes como o mirtilo, uma vez que estamos em plena época de colheita no Entre Douro e Minho (EDM) e o excesso de calor prejudicou a qualidade da fruta. Nas vinhas, e embora em situações pontuais, também já se observam sintomas de falta de água.

Verificaram-se alguns dias com chuva muito leve. No entanto, as reservas hídricas das albufeiras começam a ficar um pouco abaixo do que seria desejável, contudo a rede hidrográfica da região tem bons caudais. Poços e furos têm água em abundância para assegurar o regadio, mas, no entanto, a estrutura fundiária e a utilização de sistemas de rega pouco eficientes, não permitem a aplicação das dotações de rega adequadas e oportunas.

Na região do Alvarinho, como grande parte da área de vinha não tem sistema de rega instalado, os viticultores veem-se obrigados a regar com cisternas. Até agora não se registam problemas de falta de água de rega, uma vez que há reservas suficientes nos aquíferos. Na zona de observação do Minho os problemas na rega colocam-se nas zonas servidas por regadios tradicionais, aos quais não tem sido feita a necessária manutenção.

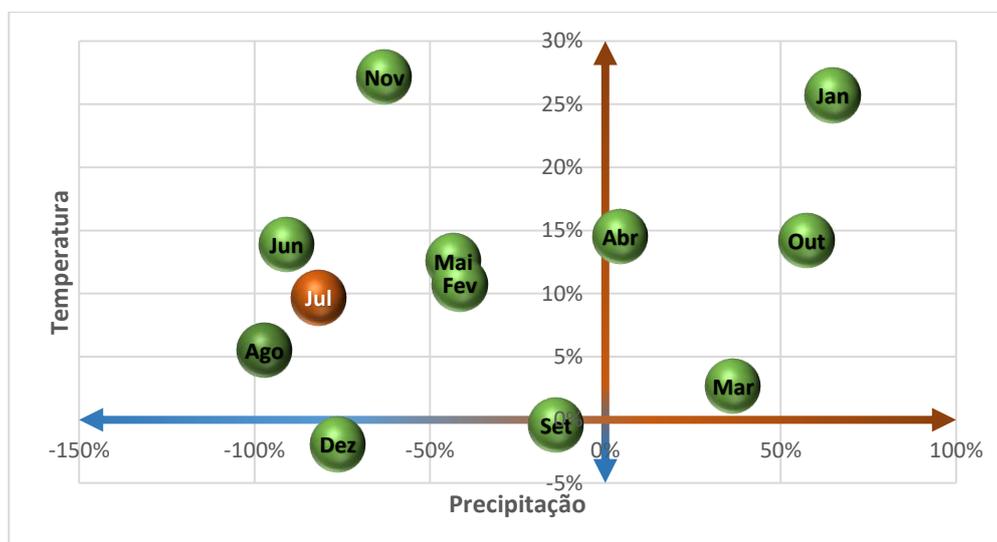


Figura 3. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada no Entre Douro e Minho durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

1.1 Trás-os-Montes

O mês de junho iniciou-se com temperaturas amenas para a estação do ano, com queda de precipitação no dia 04 (o que não é normal) e com alguma instabilidade até dia 14, com as temperaturas máxima e mínima irregulares, alternando entre dias nublados e mais frescos e dias de céu limpo e muito solarengos.

O IPMA emitiu alguns avisos amarelos para a região, com as temperaturas a manterem-se muito elevadas e com risco de escaldão para as culturas nos dias 7 a 9, 14 e 15 e ainda 24. Nos restantes dias verificaram-se arrefecimentos noturnos consideráveis (em particular na Terra Fria), resultando em amplitudes térmicas muito grandes.

A partir de dia 22 as temperaturas subiram e os dias estiveram muito quentes e secos, aproximando-se da normalidade para esta época do ano e para o tempo característico do verão.

No final do mês as temperaturas voltaram a subir bastante, aproximando-se dos 40.°C, e a região voltou a estar debaixo de uma vaga de calor e de alertas amarelos por parte do IPMA, devido ao risco de incêndio e de escaldões nas fruteiras, vinha e olival. Estas temperaturas mantiveram-se elevadas até ao início do mês de agosto.

No início de julho ainda se observou na Terra Fria a sementeira de culturas forrageiras de primavera/verão, maioritariamente de sorgo e milho, para pastoreio dos pequenos ruminantes. Na segunda quinzena do mês assistiu-se à intensificação da rega nas hortas familiares e nas culturas da batata e do milho, passando a ser realizada diariamente.

Relativamente à seca, ainda não se verificaram constrangimentos e, quando comparado com igual período do ano anterior, a situação este mês é mais favorável.

No campo é possível observar que as linhas de água permanentes, as nascentes, as agueiras nos lameiros de regadio, os poços e os tanques privados ainda apresentam água, embora as linhas de água temporárias já tenham secado.

Os solos também dispõem de humidade em profundidade, o que é benéfico para as principais culturas permanentes – castanheiro, nogueira, olival, amendoal e vinha.

Os produtores referem que os poços e os furos privados que estão a ser usados para a rega das hortícolas, da batata e do milho ainda repõem o nível de água após a utilização.

As barragens e os reservatórios de água distribuídos por toda a região dispõem de água, embora já se verifique uma pequena (e normal) redução do volume, quando comparado com igual período do ano anterior.

Nas barragens de Prada e de Gostei as obras de limpeza e melhoria das infraestruturas ainda decorrem.

Na barragem de Prada a capacidade armazenamento mantém-se muito próxima da cota máxima, com maior volume de água armazenada que em igual período do ano anterior (ver fotos 4 e 5).

Relativamente à barragem de Gostei, a quantidade de água armazenada é mesmo superior à do ano anterior para o mesmo período (ver fotos 6 e 7).



Figura 4. Barragem de Gostei, 23.07.2024, Gostei - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 5. Barragem de Gostei, 18.07.2025, Gostei - Bragança



Figura 6. Barragem de Prada, 23.07.2024, Prada - Vinhais
Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 7. Barragem de Prada, 11.07.2025, Prada - Vinhais

No Planalto Mirandês o cenário é idêntico, com a barragem de Penas Roias a registar uma ligeira descida de caudal face a igual período de 2024.



Figura 8. Barragem de Penas Roias, 16.07.2024, Mogadouro



Figura 9. Barragem de Penas Roias, 15.07.2025, Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Comparativamente com o mês de junho, nota-se uma diferença no nível de água de alguns reservatórios de água (ver fotos 10 e 11), que estará associada à redução do abastecimento e/ou à necessidade de rega das culturas devido às altas temperaturas que se fizeram sentir ao longo do mês.



Figura 10. Charca particular para rega, 16.06.2025, Castelo Branco - Mogadouro



Figura 11. Charca particular para rega, 14.07.2025, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente também se notou uma diminuição da quantidade de água armazenada no principal abastecimento para rega, comparativamente com igual período de 2024.



Figura 12. Barragem de Vale Madeiro, julho de 2024, Mirandela



Figura 13. Barragem de Vale Madeiro, julho de 2025, Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

No Douro Sul, e apesar da barragem de Temilobos se situar numa zona mais fresca, as necessidades de rega dos pomares em redor ditaram uma redução do nível da água comparativamente a 2024, mas também em comparação com o mês de junho (ver fotos 14 e 15).



Figura 14. Barragem de Temilobos, 17.06.2025, Armamar



Figura 15. Barragem de Temilobos, 14.07.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Da totalidade dos aproveitamentos agrícolas para rega monitorizados pela CCDR-N¹, apenas a barragem de Salgueiro – no concelho de Alfândega da Fé – manteve o nível de armazenamento idêntico ao do mês anterior, sendo que os restantes reduziram a quantidade de água armazenada. Tal como foi referido no Boletim anterior, as descidas prendem-se por um lado com o aumento das temperaturas e da evaporação, e por outro com o início do período de rega das culturas/parcelas agrícolas servidas por cada um dos aproveitamentos. De referir que apenas 2 dos abastecimentos do concelho de Chaves apresentam valores de NPA (Nível de Pleno Armazenamento) na casa dos 70% e que todos os outros abastecimentos da região de Trás-os-Montes registam valores superiores a 80%, fazendo deste o terceiro melhor ano do quinquénio.

No que diz respeito à Evapotranspiração de Referência (ET_0)², os valores flutuaram bastante, fixando-se entre os 4mm/dia e os 8mm/dia.

Também as oscilações da humidade relativa foram significativas, situando-se entre os 10 e os 99%.

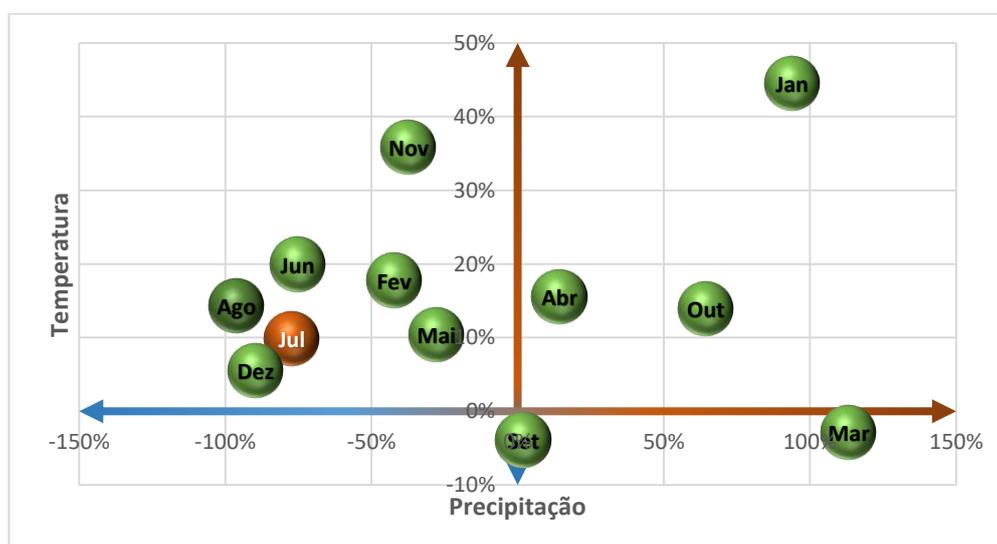


Figura 16. Desvio relativo da temperatura média do ar e precipitação acumulada em Trás-os-Montes durante os últimos 12 meses, face às normais climatológicas (1971-2000)

¹ Comissão de Coordenação e Desenvolvimento Regional do Norte, I.P.

² Quantidade de água que passa para a atmosfera (evapora) a partir do solo ou das plantas, desde que a superfície desse solo seja completamente coberta por relva. É independente do tipo de cultura.

2 Fitossanidade

1.1 Entre Douro e Minho



Figura 17. Rot Brun ou míldio de verão no cacho, Pias - Monção, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves



Figura 18. Desavinho e bagoinha, Pias - Monção, zona de observação do Minho

A subida das temperaturas e a ausência de precipitação no início deste período de observação facilitaram o controlo das infeções de Podridão Cinzenta (*Botrytis*) e de bacterioses nos kiwis e do míldio na vinha e na batata, permitindo conter os potenciais prejuízos causados por estes inimigos das culturas. As populações de pragas também têm mantido níveis bastante baixos.

Em relação à principal praga que afeta os mirtilos, a *Drosophila suzukii*, os produtores começam cedo a monitorização (um a dois meses antes do amadurecimento dos frutos), colocando para o efeito armadilhas com isco nos pomares, tentando evitar as posturas das fêmeas. Com temperaturas acima dos 30°C e tempo seco a sobrevivência da mosca é reduzida, pelo que este ano os Níveis Económicos de Ataque (NEA) foram muito baixos, permitindo a colheita com percentagem de frutos atacados muito baixa.



Figura 19. Erinose e míldio na folha, Pias – Monção, zona de observação do Minho
Foto por: Aurora Alves



Figura 20. Sintomas de míldio na casta “Loureiro”, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 21. Pomar de mirtilos com indícios de abandono, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho



Figura 22. Sintomas de moniliose em flor de marmeleiro, Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Em julho a Estação de Avisos do Entre Douro e Minho emitiu duas Circulares – a Circular 11/2025 no dia 07 e a Circular 12/2025 no dia 17.

Na Circular 11/2025 é feito um ponto de situação sobre a evolução das pragas e doenças da vinha, onde são apresentadas as Estimativas de Risco (ER) e o Nível Económico de Ataque (NEA) para algumas delas. Também é feita uma análise sobre a evolução das pragas e doenças das pomóideas, das culturas hortícolas e das ornamentais.

Devido ao impacto que tem tido nas videiras da sub-região, é também apresentado na página 6 o número de tratamentos obrigatórios, de acordo com o risco de disseminação da Flavescência Dourada por freguesia. A partir da página 9 são apresentados diversos produtos fitofarmacêuticos homologados para o combate às principais doenças e pragas da videira, macieiras, mirtilo, noqueira e kiwi.

Na Circular 12/2025 é feita uma atualização acerca do estado fitossanitário da vinha, do mirtilo, pomóideas, noqueira e tomate e dos modos de prevenção e combate. Também são apresentados os diversos fitofármacos para combater pragas e doenças destas culturas.

1.2 Trás-os-Montes

As condições climatéricas na primeira quinzena de julho foram muito instáveis, com dias extremamente quentes, com temperaturas superiores a 35°C e possibilidade de escaldão nas culturas frutícolas (conforme avisos emitidos pelo IPMA), alternados com dias de arrefecimento acentuado, em particular no período noturno e com formação de orvalho no período matinal.

Estas condições propiciaram a ocorrência de doenças criptogâmicas, situação que leva os produtores de vinha, noz e hortícolas a manter um olhar mais atento sob as suas culturas, realizando aplicações de fitofármacos (como o enxofre em pó na vinha) e de protetores (como os caulinos nas noqueiras).

Neste momento são bem visíveis nos castanheiros da Terra Fria os ramos infetados pela Vespa-das-Galhas (*Dryocosmus kuriphilus*), que assumem uma cor mais avermelhada. Observando de perto, verifica-se que as galhas ainda não estão perfuradas, o que significa que as Vespas ainda não nasceram e também não ocorreu parasitismo. Estamos perante um ano com elevada taxa de infestação da praga, que se prevê venha a ter impacto na produção da cultura.



Figuras 23 e 24. Aspeto de um ramo de castanheiro infetado com a Vespa-das-Galhas e de uma galha cortada, Terroso - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Um pouco por toda a região transmontana encontramos vinhas infetadas com Oídio (*Erysiphe necator*) e com Míldio (*Plasmopara viticola*) ainda ativo, apesar das temperaturas elevadas.



Figuras 25 e 26. Vinha pouco arejada, infetada com Oídio, julho 2025, concelho de Valpaços
Fotos por: Paulo Guedes



Figuras 27 e 28. Vinha pouco arejada, infetada com Oídio, julho 2025 (dir.), por comparação com a mesma vinha em 2024 (esq.), verificando-se atrasos de maturação e prevendo-se menores produções para este ano, concelho de Valpaços
Fotos por: Paulo Guedes

Prevê-se que os prejuízos causados por estas doenças, associados a fenómenos de desavinho e baixa “nascença”, levem a quebras de produção total na ordem dos 10% face ao ano anterior. Em alguns concelhos do Baixo Corgo (Região Demarcada do Douro), as perdas globais podem superar os 50%.



Figura 29. Cacho de videira na fase do pintor, atacado por míldio, 14.07.2025, Alvações do Tanha – Peso da Régua

Foto por: Suzana Fonseca



Figura 30. Sintomas de Pedrado nas folhas e nos frutos de macieira, 14.07.2025, Armamar

Foto por: Suzana Fonseca

Nas pomóideas, o combate ao Pedrado (*Venturia inaequalis*) tem sido árduo, com os produtores a realizar maior número de aplicações de fitofármacos que no ano anterior.

Os estragos entretanto provocados levaram à necessidade de realizar mondas de frutos, para eliminar aqueles que apresentem malformações (depreciativas em termos comerciais).

No dia 18 de julho foram emitidas pela Estação de Avisos do Douro e pela Estação de Avisos do Norte Transmontano as Circulares 09/2025 e 10/2025, respetivamente, com recomendações de tratamento para a vinha – no combate à Cigarrinha da Flavescência Dourada (*Scaphoideus titanus*), Míldio, Óídio e Traça da Uva. A Circular 10/2025 incluía ainda recomendações para a cultura do castanheiro, nomeadamente para a Podridão da Castanha, uma vez que a infeção ocorre na altura da floração. Também é referido um conjunto de boas práticas a adotar com os castanheiros na fase de pós-colheita.

Por solicitação da Direção Geral de Alimentação e Veterinária (DGAV), foi enviado pela Estação de Avisos do Norte Transmontano, a 03 de julho, o Despacho n.º 72/G/2025, *que procede ao estabelecimento de uma nova zona demarcada para a Flavescência Dourada da videira, no concelho de Chaves, na Freguesia de Vilas Boas, atualiza a informação referente às 4 zonas demarcadas em anos anteriores e à divulgação da lista de freguesias onde o inseto vetor desta doença, Scaphoideus titanus Ball se encontra presente.*

Para mais informação, pode consultar o Serviço Nacional de Avisos Agrícolas em:

[Circulares da Estação de Avisos](#)

3 Cereais Praganosos para grão

3.1 Entre Douro e Minho



Figuras 31 e 32. Colheita no campo (esq.) e medas preparadas para a debulha (dir.), Arouca, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Fotos por: José Reis

A produção de centeio está aos níveis de um ano considerado “normal”, com igual produção à registada o ano passado. Apesar disso, e depois da quebra de produção em 2024, este ano a espiga parece mais.

Houve boas condições para a maturação, devido às elevadas temperaturas e a debulha vai iniciar-se na última semana de julho/primeira de agosto. No campo já é possível ver as medas preparadas para a operação.

Em relação à aveia, estão neste momento a decorrer as colheitas, com algumas já concluídas. A produção depende do grau de infestação das searas – alguns produtores não aplicam herbicida, pelo que há searas muito infestadas com saramago (*Raphanus raphanistrum*) e com marcela (*Achyrocline satureioides*). Nestas parcelas a produção é inferior (tanto em grão, como em palha), devido à competição entre cultura e infestantes. As sementeiras mais tardias também foram menos produtivas.

A estimativa da variação da produção colhida, relativamente ao ano anterior, é de cerca de +2%.



Figura 33. Seara de aveia já colhida, com a palha encordoada para enfardar, Sta Maria da Feira, zona de observação de Entre Douro e Vouga
Foto por: Isabel Correia

Do ponto de vista de ocupação do solo, o trigo é o cereal praganoso de menor importância no EDM e a estimativa de produção é igual à verificada o ano passado.

3.2 Trás-os-Montes

A estação primaveril foi amena, com temperaturas máximas e mínimas abaixo da normal climatológica e com ocorrência de precipitação de forma significativa. Estes fatores favoreceram o desenvolvimento das culturas cerealíferas nas fases de emborrachamento, espigamento e enchimento do grão, com os solos a disponibilizarem a humidade necessária para que as plantas suprimissem as suas necessidades hídricas.

O enchimento do grão foi excelente, com este a apresentar boa qualidade e bom peso específico, o que se traduzirá em boas produtividades e excelente aproveitamento para a panificação e para a alimentação animal.

Os cereais praganosos terminaram o seu ciclo cultural no início de julho, com a maturação a iniciar-se no final de junho/início de julho, resultado da subida das temperaturas.

Essa fase decorreu sem percalços, apesar da ocorrência pontual de trovoadas e períodos de precipitação muito intensa em alguns locais, com ventos fortes e queda de granizo. No entanto, não foram declarados pelos produtores quais quer prejuízos nas culturas cerealíferas e também não foram observados em campo cereais acamados.

A campanha das ceifas na Terra Fria iniciou-se no dia 07 de julho e neste momento o corte está praticamente concluído, com os produtores a procederem ao enfardamento e armazenamento da palha.



Figura 34. Corte de centeio, 08.07.2025, Vila Meã - Bragança



Figura 35. Enfardamento de palha em fardo e rolo, 08.07.2025, Deilão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Tal como era expectável, e já foi referido no Boletim do mês anterior, estamos perante uma campanha cerealífera mais produtiva, quer em grão, quer em palha, com produções e produtividades superiores, quando comparadas com o ano anterior. A produtividade assume, este ano, valores próximos aos normais para esta área de observação.



Figura 36. Cereais de out/inv (centeio), 05.06.2024, Deilão – Bragança



Figura 37. Aspeto do grão de centeio, 05.07.2024, Deilão – Bragança



Figura 38. Cereais de out/inv (centeio), 03.06.2025, Deilão – Bragança



Figura 39. Aspeto do grão de centeio, 03.07.2025, Deilão – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO, ANOS DIFERENTES

De forma homogénea por toda a Terra Fria, a qualidade do grão e da palha do centeio, cevada, aveia, tritcale e trigo apresenta excelente qualidade. Prevê-se que a quantidade de palha de aveia seja um pouco menor, mas o grau é de excelência comparativamente à última campanha (ver foto 44).

Também o trigo se apresenta, esta campanha, em excelente estado sanitário (ver fotos 40 a 43), contrariamente ao que aconteceu no ano passado, em que foi desprezado e teve baixo aproveitamento comercial, pois apresentava manchas escuras, característica da presença de fungos (fotos 40 e 41).



Figura 40. Parcela com trigo, 10.07.2024, Vila Meã – Bragança



Figura 41. Aspeto do grão de trigo, 10.07.2024, Vila Meã – Bragança



Figura 42. Parcela com trigo, 08.07.2025, Vila Meã – Bragança



Figura 43. Aspeto do grão de trigo, 08.07.2025, Vila Meã – Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

MESMA ZONA DE OBSERVAÇÃO, ANOS DIFERENTES



Figura 44. Parcela com aveia, 18.07.2025, Rio Frio – Bragança

Foto por: Anabela Coimbra

Na Terra Quente, a ceifa dos cereais praganosos para grão já teve início nas zonas mais baixas e mais quentes, sendo que nas zonas em que as temperaturas não costumam ser tão elevadas, a colheita sé deverá avançar nos finais de julho/princípios de agosto.

O produto obtido – quer o grão, quer a palha – reúnem características promissoras, com o grão colhido até ao momento a apresentar-se bem formado e com bom peso específico.



Figura 45. Parcela de cereal já colhido e enfardado em rolo, julho de 2025

Foto por: Paulo Guedes

No Planalto Mirandês a maturação fisiológica dos cereais está concluída desde o início de julho, altura em que o grão atingiu o seu peso seco máximo.

O estado vegetativo destas culturas é, de forma geral, muito bom e a ceifa decorre dentro da normalidade. Neste ano, e até ao momento, não houve relatos de ataques de pragas ou doenças, resultando num bom ano agrícola e as produtividades apresentam-se semelhantes às do ano anterior.



Figura 46. Parcela de trigo baixo, julho 2025, Paradela - Mogadouro



Figura 47. Pormenor da espiga de trigo baixo, Paradela - Mogadouro



Figura 48. Parcela com centeio, julho 2025, Paradela - Mogadouro



Figura 49. Pormenor da espiga de centeio, Paradela - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 50. Parcela de triticale, julho 2025, Sanhoane - Mogadouro



Figura 51. Pormenor da espiga de triticale, Sanhoane - Mogadouro



Figura 52. Parcela de trigo, julho 2025, Sendim - Mogadouro



Figura 53. Pormenor da espiga de trigo, Sendim - Mogadouro



Figura 54. Parcela de aveia para grão, julho 2025, Vila Chã de Braciosa - Miranda do Douro



Figura 55. Pormenor da espiga de aveia, Ifanes, Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 56. Parcela de trigo, julho 2025, Vila de Ala – Mogadouro



Figura 57. Pormenor da espiga de trigo, Vila de Ala – Mogadouro

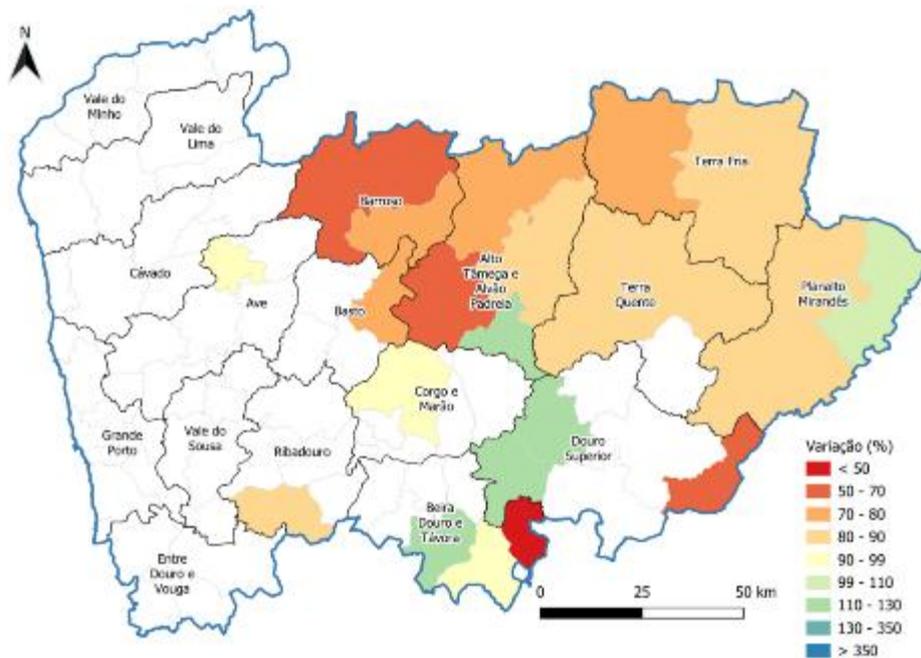


Figura 58. Parcela com aveia para grão, julho 2025, Santiago – Mogadouro (em segundo plano são visíveis os silos da extinta EPAC)



Figura 59. Pormenor da espiga de centeio, Paradela – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Mapa 1. Evolução da produção de centeio grão por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

4 Milho Grão de Regadio

4.1 Entre Douro e Minho

As sementeiras do milho de sequeiro e regadio foram realizadas mais tarde por toda a região do EDM, devido à persistência da chuva até dia 19 de maio. Foi preciso aguardar a drenagem dos solos para realizar a maioria das sementeiras, que se prolongaram até ao início de julho.

Houve um período de frio desfavorável à emergência e desenvolvimento inicial (fim de maio/início de junho), que pode comprometer a expressão de todo o potencial produtivo das sementeiras realizadas nessa fase.

As searas apresentam-se em fases distintas:

- milho com duas folhas (os mais atrasados)
- milho no estado de 6 a 7 folhas
- milho joalheiro
- milho na fase de floração masculina (os semeados mais cedo)

As temperaturas excessivas (que atingiram os 38°C em dias sucessivos) causaram stress hídrico e térmico, expondo a cultura a condições adversas ao seu desenvolvimento, por períodos prolongados. A produção, nas searas que estão na fase de floração, pode ficar comprometida, já que temperaturas acima de 32°C são desfavoráveis à polinização. Assinalamos a continuação da prática da consociação milho e feijão, ainda que em pequenas áreas.



Figura 60. Consociação milho x feijão, Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia



Figura 61. Consociação milho x feijão, Santa Cruz do Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

De registar que se continuam a verificar ataques de animais selvagens como o javali e o texugo, que se alimentam do milho, destruindo as searas. Mantém-se ainda a referência aos estragos provocados pelos pássaros na altura da germinação, que em algumas zonas resultaram em estragos muito elevados.



Figuras 62 e 63. Parcela de milho de regadio em julho de 2024 (esq.) e em igual período de 2025 (dir.), sendo visível a diferença no desenvolvimento vegetativo, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho

Fotos por: Aurora Alves

A estimativa aponta para uma redução da produtividade do milho de sequeiro (-3%), bem como uma diminuição da área semeada com milho de regadio (-1%).



Figuras 64 e 65. Campo com milho em 17.06.2025 (esq.), e o mesmo campo em 23.07.2025 (dir.), Mancelos – Amarante, zona de observação do Ribadouro

Fotos por: Joaquim Moreira

4.2 Trás-os-Montes

A área semeada com milho para grão, em regime de sequeiro ou de regadio, será idêntica à do ano anterior. As parcelas apresentam-se em bom estado sanitário, com o milho a desenvolver-se sem constrangimentos.



Figura 66. Milho grão de regadio, 23.07.2024, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



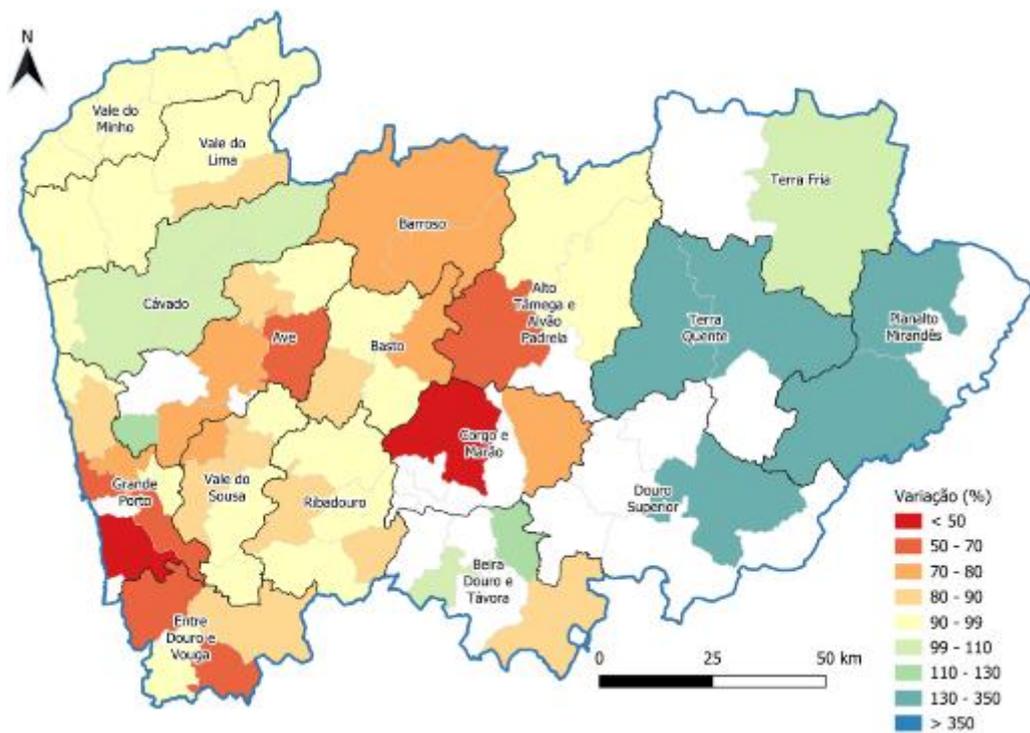
Figura 67. Milho grão de regadio, 10.07.2025, Vinhais

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES



Figuras 68 e 69. Milho grão de sequeiro (esq.) e pormenor dos pés (dir.), julho de 2025, Penas Roias - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Mapa 2. Evolução da área de milho grão de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

5 Leguminosas secas – Grão-de-Bico e Feijão

5.1 *Entre Douro e Minho*

O feijão é cultivado em pequenas áreas, para o autoconsumo e venda nos circuitos curtos.

As temperaturas muito elevadas foram desfavoráveis ao desenvolvimento da cultura, obrigando a maior número de regas. É uma cultura exigente em água, com necessidade de regas frequentes para assegurar o potencial produtivo.

Neste momento a maior parte das plantas tem a vagem formada e a estimativa da produtividade aponta para um aumento na ordem dos 4%, por comparação com o ano transato.



Figura 70. Parcela com feijão, Vila Verde, zona de observação do Cávado

Foto por: Maria Laura



Figura 71. Campo de feijão com vagem formada, Oliveira de Azeméis, zona de observação de Entre Douro e Vouga

Foto por: Isabel Correia

5.2 Trás-os-Montes

Como já foi referido em Boletins anteriores, as culturas do feijão e do grão-de-bico surgem, em TM, quase sempre no contexto de horta familiar, ocupando boa parte da área (que se torna, por isso, difícil de apurar com exatidão).



Figura 72. Feijão na horta familiar, Quintela - Vinhais
Foto por: Anabela Coimbra

6 Batata | Hortas familiares

6.1 Entre Douro e Minho

Comparativamente ao ano anterior, este ano a colheita da batata (sequeiro e regadio) decorre mais atrasada, já que as plantações foram – também elas – realizadas mais tarde, devido à chuva e ao frio que se fazia sentir. No interior das zonas homogéneas há colheitas pontuais, pois a maturação dos batatais ocorre durante o mês de agosto.

As condições climatéricas desfavoráveis originaram plantas pouco desenvolvidas, com poucos caules e finos.

Na zona de observação do Entre Douro e Vouga e Grande Porto, o estado sanitário dos batatais foi uma condicionante da produtividade. Durante o ciclo da cultura as condições climatológicas foram muito favoráveis ao desenvolvimento de Míldio (*Phytophthora infestans*), obrigando à realização de tratamentos regulares (semanais). A dificuldade em controlar a doença (em grande parte associada à falta de oportunidade na realização do tratamento) foi responsável pela diminuição generalizada da produção. Os produtores que trataram quando houve condições para a ocorrência de infeção (por vezes de 4 em 4 dias) controlaram a doença e tiveram a mesma produção em relação ao ano anterior.

Já na zona de observação do Minho não se verificaram os problemas com Míldio ocorridos em 2024, mas a plantação tardia e as condições do tempo durante o ciclo vegetativo não permitiram o melhor desenvolvimento dos tubérculos.



Figura 73. Colheita da batata, Esposende, zona de observação do Cávado
Foto por: Maria Laura

Por outro lado, na zona de observação do Sousa e do Ribadouro, houve dificuldade no controlo do Míldio na fase inicial do ciclo da batata de regadio, mas as condições climáticas das últimas semanas foram favoráveis e a situação sanitária ficou controlada.

A estimativa é de uma diminuição na produção de batata de sequeiro (-5%) e um ligeiro aumento da produtividade da batata de regadio (+1%).

Nas primeiras colheitas verifica-se, em alguns casos, um calibre dos tubérculos inferior ao considerado normal, mas maior quantidade de produto. No decorrer das colheitas, prevê-se que a produção apresente melhorias.

Nota-se a existência de muitos tubérculos podres e outros que estão a apodrecer em armazém, resultado da contaminação com Míldio. Há produtores que optam por deixar a batata arrancada no campo, pois nem compensa a colheita. Também há registo de batata a sair do campo contaminada pela Traça da Batata (*Phthorimaea operculella*), em resultado da falta de práticas culturais mais adequadas.

Na colheita mecânica, os tubérculos estavam envolvidos em grandes torrões de terra, resultado do calor que compactou o solo, após prolongado período de chuva, o que dificultou o crescimento da batata, originando calibres mais pequenos.

A batata colhida tem pouca capacidade de conservação em armazém.

Contudo, e apesar da diminuição da produção (face à reduzida capacidade de conservação), os pequenos produtores estão a vendê-la de imediato. A entrada no circuito comercial, de batata de outras origens, baixou o preço no mercado (existe maior oferta), estando a ser paga ao produtor pelos armazenistas a 0,3€/kg (quando no início da campanha o preço foi de 0,4€/kg). Na venda direta ao consumidor, a batata está a ser mais valorizada (0,8 a 1,1€/kg).

Há boas perspetivas de escoamento, mas com preços ao produtor inferiores ao ano passado, originado baixa rentabilidade da cultura, que teve custos de produção acrescidos, pelo elevado número de tratamentos fitossanitários, energia para as regas e mão-de-obra.

6.2 Trás-os-Montes

Tal como as leguminosas, as batatas em TM fazem sempre da horta familiar, onde ocupam grande parte da área. Tanto a batata de sequeiro como a de regadio apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, à custa de alguns tratamentos fitossanitários para combate ao Míldio e outras pragas.

A batata de regadio ainda está em floração, mas já é possível observar (pontualmente) pequenas áreas de batata de sequeiro colhida. Esta batata beneficiou dos níveis de precipitação verificados nos meses anteriores e, nestes casos, os produtores afirmam que os calibres são bons e os tubérculos são de ótima qualidade, estimando-se (em alguns locais) um pequeno aumento da produção total, comparativamente à do ano anterior.



Figura 74. Parcela com batata e abóboras, julho 2025, Nogueira - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra



Figura 75. Colheita de batata, julho de 2025, concelho de Vila Flor

Foto por: Paulo Guedes

As hortas familiares são as principais protagonistas das culturas de primavera/verão, pela importância que têm e pela variedade de alimentos são que fornecem. Este ano em particular, e em resultado da disponibilidade hídrica, o ano tem-se revelado bom, com as culturas hortícolas a apresentar um bom desenvolvimento vegetativo, apesar da necessidade de cuidados adicionais para evitar que as ervas invasoras proliferassem. Prevê-se que as produtividades das hortícolas sejam semelhantes às do ano passado.



Figuras 76 e 77. Parcela de horta familiar, julho 2025, Zava - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 78. Horta de família onde encontramos tomate, batata, feijão, abóbora, melão, morangos e alface, julho 2025, Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

Na Terra Fria as hortas familiares estão cada vez mais diversificadas e verdejantes. Neste momento recuperam algum atraso no desenvolvimento vegetativo, quando comparado com o ano anterior, e começam a disponibilizar os primeiros legumes.

As abóboras apresentam bom desenvolvimento e neste momento estão em plena floração e frutificação.



Figura 79. Parcela cultivada com abóboras, julho 2025, Quintela - Vinhais

Foto por: Anabela Coimbra

No Douro Sul, a evolução no desenvolvimento das hortícolas foi notória ao longo do mês de julho e neste momento as hortas também começam a produzir os primeiros alimentos.



Figura 80. Horta familiar com batata, cebola, couves, feijão, tomate, alfaces, 17.06.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 81. Horta familiar com batata, cebola, couves, feijão, tomate, alfaces, 14.07.2025, Armamar

MESMA PARCELA



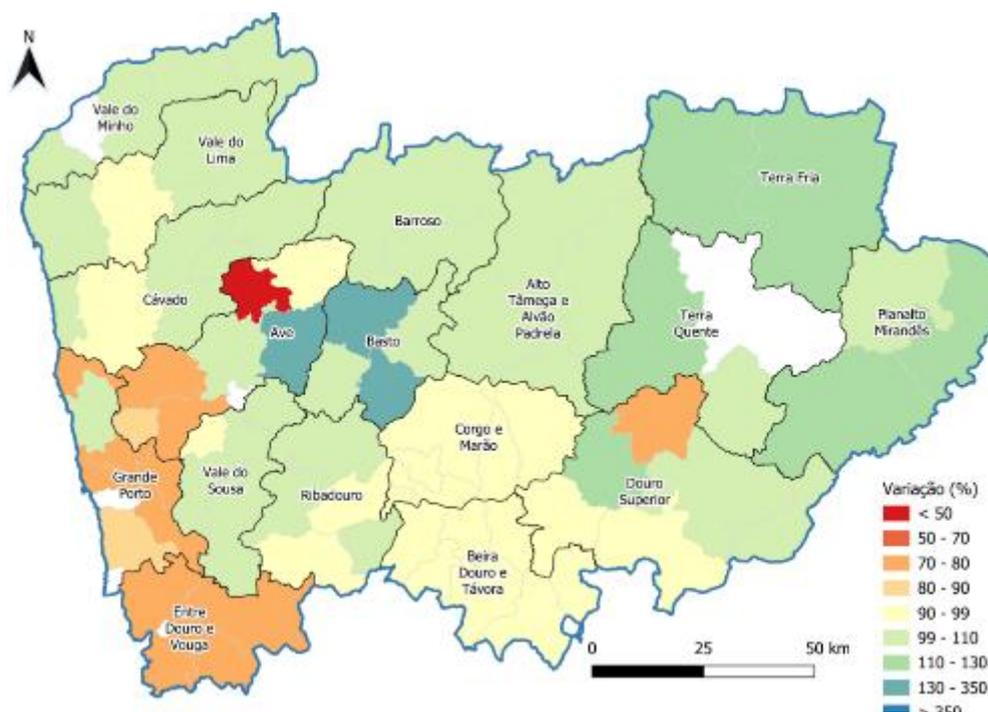
Figura 82. Horta familiar hortícolas diversas, 03.06.2025, Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 83. Horta familiar com hortícolas diversas, 14.07.2025, Armamar

MESMA PARCELA



Mapa 3. Evolução da produtividade de batata de regadio por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

7 Fruticultura

7.1 Entre Douro e Minho

Amendoiras, Aveliras, Nogueiras, Castanheiros

A estimativa de produção da amêndoa é igual à do ano anterior.

No que diz respeito às nogueiras, observam-se árvores com bastante frutos e, portanto, aponta-se para uma produtividade superior a 2024, apesar dos problemas sanitários já detetados – Bacteriose e Mosca da Casca Verde (*Rhagoletis completa*) – situação essa a ser confirmada em posteriores observações.

Os castanheiros estão bem compostos de ouriços e encontram-se na fase do inchamento.



Figura 84. Nogueira em Marco de Canavezes, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira



Figura 85. Plantação de castanheiros em crescimento,
Cornos – Vila Nova de Cerveira, zona de observação
do Minho
Foto por: Aurora Alves



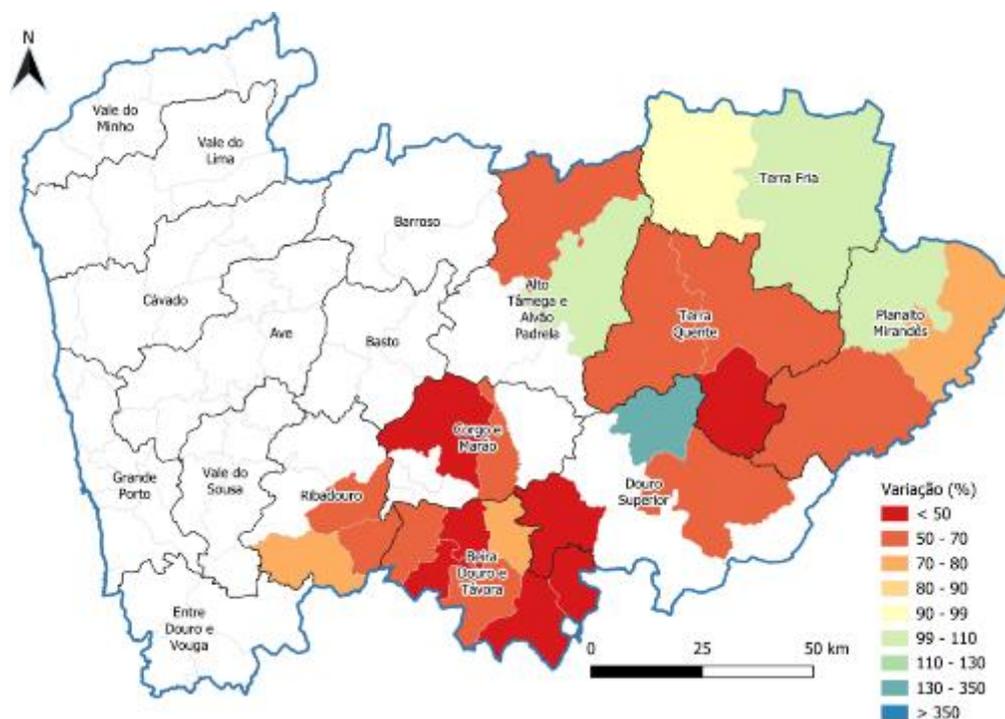
Figura 86. Castanheiro com alguns ouriços já
formados, zona de observação do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Cerejeiras (e outras prunóideas)

A produção de cereja foi baixa, mas superior à da última campanha. Nas variedades temporãs a produção foi muito baixa, mas as variedades de maturação mais tardia tiveram produtividades normais e de boa qualidade.

Nessas condições, verificou-se um aumento de 20% na produção de cereja, relativamente a 2024.

A produtividade das ameixeiras foi abundante, embora haja variação dentro da sub-região, consoante as condições climatológicas que ocorreram na fase da floração e vingamento. Relativamente aos pessegueiros, a maior parte das variedades foi produtiva, com uma estimativa de aumento da produtividade em cerca de 3%.



Mapa 4. Evolução da produção de cereja por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Actinídeas (kiwi)

Mesmo tendo havido problemas na polinização em algumas zonas, o fruto está na fase de crescimento rápido. O desenvolvimento dos frutos tem sido bom, apesar dos picos de calor registados nos finais de junho e início de julho, estimando-se um nível de produtividade superior ao da última campanha, mas inferior a 2023.

O maior número de regas não assegurou uma elevada humidade relativa do ar e em alguns pomares a cultura está em stress, o que afeta a produtividade desta campanha e conduz a alterações fisiológicas que condicionam a produtividade do ano seguinte.

Em relação kiwi arguta, que tem um ciclo mais curto que o kiwi verde, a colheita já começa a ser organizada para as próximas semanas (início de agosto).



Figuras 87 e 88. À esquerda: (julho de 2024): pomar de kiwi da variedade “Érica” com pouca fruta vingada. À direita (julho de 2025): o mesmo pomar, com bom vingamento, Ganfei – Valença, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves

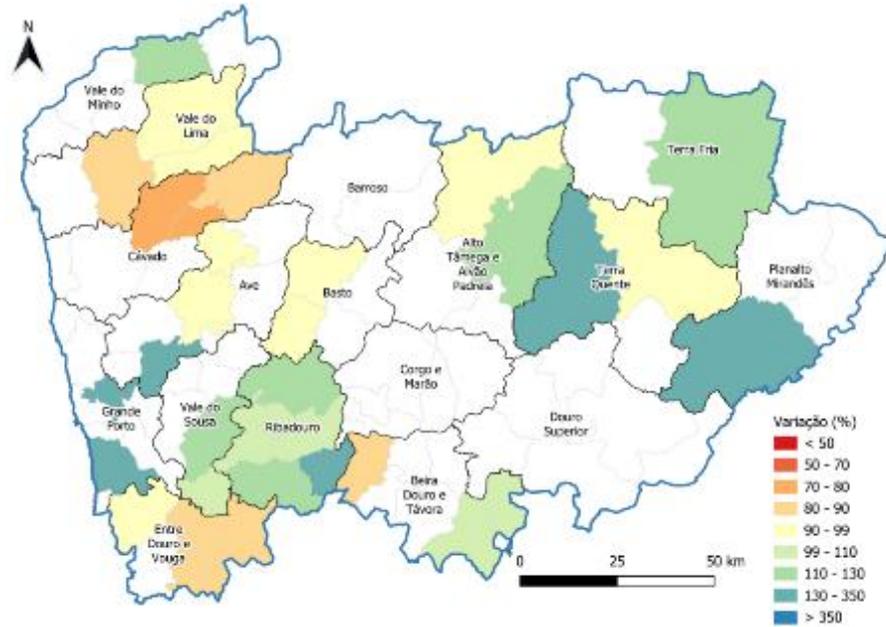
Mirtilos

As condições climatológicas de julho encurtaram o período de colheita, uma vez que a fruta amadureceu mais rapidamente. Está finalizada a colheita de variedades como a “Duke” ou a “Draper” e decorre a das variedades mais tardias, como a “Brigitta” ou a “Liberty”.

As temperaturas elevadas das últimas semanas aceleraram a maturação, originaram maior heterogeneidade no calibre dos frutos e criaram algumas dificuldades no ritmo de colheita – houve necessidade de colher maior quantidade em menor tempo. A população de mosca foi bastante reduzida, sem registo de prejuízos.

Estima-se um aumento de 15% da produção, comparativamente à campanha de 2024.

Por outro lado, os preços praticados também estão a ser baixos, resultado da grande oferta disponível, principalmente de fruta vinda dos países do norte da Europa.



Mapa 5. Evolução da produção do mirtilo por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Pomóideas

Em relação às pomóideas, a persistência de valores de temperatura muito elevados e de grandes amplitudes térmicas, provocam a queda de algum fruto, mesmo em pomares com rega. A estimativa aponta para uma ligeira diminuição da produtividade da cultura (-3%).



Figuras 89 e 90. Macieira com frutos em crescimento (esq.) e picadas pelos pássaros (dir.), Vila Verde, zona de observação do Cávado

Fotos por: Maria Laura

No caso dos marmeleiros, há uma grande variação no número de frutos vingados, pois a precipitação nas fases da floração e do vingamento originaram Moniliose (*Monilia* sp.), com conseqüente perda de fruto.

Citricos

No Entre Douro e Minho a floração das laranjeiras, clementinas e tangerineiras foi abundante, mas o vingamento foi mau, com um número de frutos na árvore que aponta para uma produtividade inferior à da última campanha.

Os limoeiros têm tido menor floração, pelo que também se espera uma produtividade inferior.



Figura 91. Laranjeira em Marco de Canavezes, zona de observação do Sousa
Foto por: Joaquim Moreira

7.2 Trás-os-Montes

Amendoeiras, Azeleiras, Nogueiras, Castanheiros

Relativamente à cultura da amendoeira, quer os jovens pomares instalados, quer os pomares que se encontram em plena produção, apresentam-se em razoável estado vegetativo. São visíveis mais frutos nas árvores do que na campanha anterior, e com ótimo calibre (ver foto 93) e alguns dos produtores declaram que este ano estaremos perante uma campanha mais produtiva que a anterior.

Na Terra Fria consta-se que os jovens pomares começam a entrar em plena produção, resultado do investimento que tem vindo a ser realizado neste setor.



Figuras 92 e 93. Pomar de amendoeiras em regime de sequeiro e aspeto do fruto, julho 2025, Outeiro - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

No Planalto Mirandês os pomares também se desenvolvem em boas condições (tanto os jovens pomares, como os mais antigos), apresentando frutos com bom calibre e que se deduz estejam na fase de endurecimento do grão. O cenário em termos de produtividade é bom, mas já se espera menor quantidade do que no ano passado.



Figuras 94 e 95. Amendoal adulto (esq.) e amendoal jovem (dir.), ambos de sequeiro, julho 2025, Castelo Branco - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins



Figura 96. Amendoal de regadio em socalcos, julho 2025, Castelo Branco - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins



Figura 97. Aspeto de amêndoas em amendoal de sequeiro, julho 2025, Castelo Branco - Mogadouro

Foto por: Miguel Martins

No Douro Superior, onde encontramos vastas áreas de amendoal, a produção está bastante heterogénea – alguns pomares têm muita amêndoa e outros têm pouca.

Esta irregularidade resulta das condições climatológicas verificadas no período da floração e vingamento dos frutos, que comprometeram a polinização e que serão responsáveis por quebras de produtividade nesta sub-região na ordem dos 10 a 15%.

Apesar disso, os frutos vingados apresentam bons calibres.

Na Terra Quente, mais concretamente no concelho de Mirandela, a produção de amêndoa está bastante abaixo do expectável, em resultado das noites frias durante o período da floração, que comprometeram a produção. As variedades mais novas têm uma produção aproximada do normal, mas as variedades tradicionais têm muito pouca amêndoa.



Figuras 98, 99 e 100. Amendoal em bom estado vegetativo, com pouca produção, mas bons calibres, julho 2025, concelho de Mirandela

Fotos por: Paulo Guedes

As aveleiras apresentam um bom vigor vegetativo e um bom vingamento dos frutos. Segundo os produtores e um Técnico de uma Organização de Produtores da Terra Fria, prevê-se que este seja um bom ano de produção, sendo possível constatar que as plantas apresentam mais frutos e com calibres superiores, quando comparados com o ano anterior.



Figuras 101 e 102. Aspeto de um pomar de aveleiras em regime de sequeiro e dos seus frutos, julho 2025, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Na cultura da noz, o número de frutos observados em TM é claramente superior ao observado no ano anterior (ver fotos 105 e 106). Tal como já foi referido no Boletim de junho, mantém-se a ligeira assimetria observada entre os frutos na mesma planta e no mesmo ramo, embora seja ainda prematuro fazer previsões.

A nogueira é uma planta muito sensível ao calor e o crescimento dos frutos vai depender das condições meteorológicas e da disponibilidade de água no solo durante o verão.

Quando as temperaturas sobem consideravelmente durante muitos dias consecutivos (acima dos 36°C), existe a necessidade de aplicar caulino, que funciona como protetor contra eventuais fenómenos de escaldão, e de intensificar as regas.

Este ano, os produtores da Terra Fria declaram já ter realizado nos seus pomares três tratamentos fitossanitários.



Figuras 103 e 104. Aspeto de um pomar de nogueiras em regime de sequeiro e pormenor dos frutos, julho, Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 105. Aspeto das nozes, 23.07.2024, Quintela - Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 106. Aspeto das nozes, 10.07.2025, Quintela - Vinhais

MESMA PARCELA, MESMA PLANTA

Apesar de globalmente saudáveis, já foi possível encontrar algumas árvores com ataques iniciais de Bacteriose (ver foto 108).



Figura 107. Nogueira com boa carga de frutos, 14.07.2025, Britiande - Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca



Figura 108. Sintomas de Bacteriose nos frutos, 14.07.2024, Britiande - Lamego

Os castanheiros, em geral, apresentam-se bem desenvolvidos e a sua floração foi excelente (ver foto 109). Nas variedades temporãs, já é possível observar ouriços devidamente formados (ver foto 111).



Figura 109. Plena floração feminina, com todos os estigmas das flores femininas bem desenvolvidos, 08.07.2025, Espinhosela - Bragança

Foto por: Anabela Coimbra



Figuras 110 e 111. Castanheiros de variedade temporã em regime de sequeiro e aspeto dos ouriços, na fase de engrossamento, Vinhais

Fotos por: Anabela Coimbra

Se continuarem a ocorrer muitas variações térmicas – dias muito quentes alternados com períodos de precipitação, arrefecimentos noturnos e formação de orvalhos matinais – corre-se o risco de voltarem a estar reunidas condições favoráveis para o desenvolvimento de Septoriose.



Figura 112. Souto de jovens castanheiros, julho de 2025, Bruçó - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

Figura 113. Aspeto dos ouriços e das inflorescências do castanheiro, julho de 2025, Bruçó - Mogadouro

De acordo com uma pequena associação e de produtores de castanha do Planalto Mirandês, não há de momento relatos de ataques de pragas ou doenças, mas os soutos são mantidos sob vigilância.

Cerejeiras (e outras prunóideas)

No final de mais uma campanha de cereja no Douro Sul, é possível afirmar que o ano de 2025 ficou marcado pela produção de frutos de qualidade excelente, apesar da ligeira quebra registada.

Como foi referido em boletins anteriores, notou-se uma quebra de produção nas variedades mais precoces, associada a condições meteorológicas desfavoráveis, de alguma forma compensada pelas variedades tardias e semi-tardias, cujos frutos atingiram bons calibres e excelente qualidade.

Em jeito de balanço, podemos afirmar que as quebras ter-se-ão ficado pelos 10%, se compararmos com a campanha anterior.

Na Terra Quente, durante o mês de julho, ocorreu a maturação de pêssegos de polpa amarela e de pêssegos paraguaios, verificando-se um atraso na maturação de cerca de 15 dias (tal como também aconteceu na cereja). A produção foi menor, pelo que os produtores optaram por não realizar a monda manual.



Figura 114. Pêssego de polpa amarela, julho de 2025, Vale da Vilariça



Figura 115. Pêssego paraguaio, julho de 2025, Vale da Vilariça

Fotos por: Paulo Guedes

Mirtilos

A colheita e comercialização dos mirtilos atingiu o seu pico no mês de julho, com os produtores a referir que este foi um ano com fruto de boa qualidade.

Na Terra Fria a colheita decorreu sem percalços, embora este ano tenham sido colhidos menos frutos – a persistência da chuva e a instabilidade da primavera tiveram consequências negativas nesta cultura, atrasando a maturação e por sua vez a apanha e comercialização dos frutos.

No Planalto Mirandês os produtores referiram que este ano os frutos apresentavam calibres um pouco superior, resultando em aumentos de produtividade face ao ano passado (produtividade essa que tem vindo a aumentar ao longo dos anos).

Pomóideas

As pomóideas no Douro Sul desenvolvem-se a bom ritmo, apesar dos constrangimentos associados ao excesso de humidade na primavera/início do verão.



Figura 116. Macieiras em pleno crescimento dos frutos, 14.07.2025, Armamar



Figura 117. Macieiras em pleno crescimento dos frutos, 14.07.2025, S. Martinho das Chãs - Armamar

Fotos por: Suzana Fonseca

Para as macieiras, mantemos as previsões de uma quebra da produtividade na casa dos 10%, comparativamente ao ano anterior. Esta redução prende-se com alguma dificuldade no vingamento do fruto (após a floração) e com os ataques severos de Pedrado (*Venturia inaequalis*), que obrigaram os produtores a realizar aplicações fitossanitárias e mondas de frutos extraordinárias (manuais). Estas operações permitiram não só reduzir a quantidade de inóculo presente nos pomares, mas também eliminar a fruta destruída pelo fungo, que deixou de ter valor comercial. Pretende-se também melhorar o crescimento dos restantes frutos, por forma a atingirem calibres mais valorizados e elevar o °Brix.



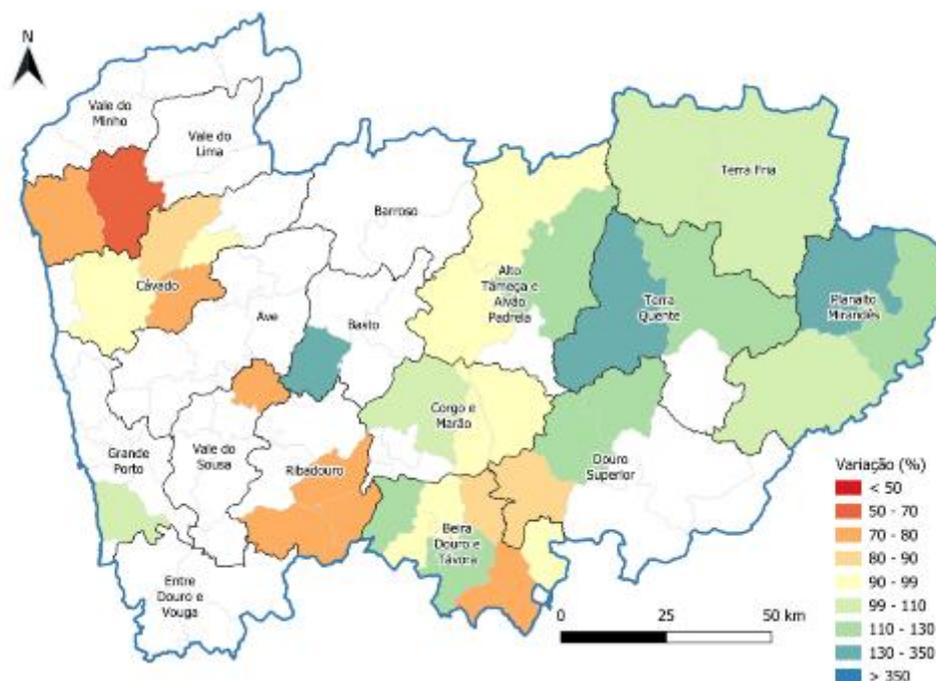
Figura 118. Macieiras em pleno crescimento dos frutos, 14.07.2025, Britiande – Lamego



Figura 119. Pereiras em pleno crescimento dos frutos, 14.07.2025, Britiande – Lamego

Fotos por: Suzana Fonseca

Também as pereiras sofreram com a pressão do Pedrado, mas este ano apresentam melhor desenvolvimento vegetativo e melhor vingamento dos frutos, prevendo-se um aumento de produção face ao ano anterior (que foi particularmente fraco para esta cultura).



Mapa 6. Evolução da produtividade da maçã por concelho (%), relativamente à média do quinquénio 2020-2024

Sabugueiros

Os sabugueiros do Douro Sul iniciaram a sua maturação no mês de julho, com as infrutescências e as pequenas bagas a ganhar a cor intensa que as caracteriza.



Figuras 120 e 121. Sabugueiros no início da maturação dos frutos, 14.07.2025, Meixedo - Tarouca

Fotos por: Suzana Fonseca

Figueiras

Tal como se previra no Boletim de junho, a produção de figos lampos na Terra Quente (nomeadamente no concelho de Vila Flor) foi bastante boa e dilatada no tempo, durante mais 15 dias que o normal (até meados de julho).

No final de julho já se iniciou a apanha do figo “vindimo”, com a variedade “Pingo de mel” a apresentar boa qualidade. Para isto muito contribuíram as condições meteorológicas da primavera.



Figuras 122, 123 e 124. Pomares de figos na Terra Quente – figos lampos (cima) e figo pingo de mel (esq.), julho 2025, Vila Flor

Fotos por: Paulo Guedes

8 Vinha

8.1 *Entre Douro e Minho*

Enfatizando as estimativas do mês anterior, estima-se uma diminuição na produtividade de uva de mesa (-10%), por comparação com o ano anterior.

Na zona do Alvarinho, a maioria das vinhas para vinho está no fecho do cacho/início do pintor.

O mês de julho correu de feição para o controlo das doenças na vinha, principalmente do Míldio, apresentando agora um bom estado sanitário. Em algumas vinhas ainda são visíveis os estragos ao nível do cacho (cujas infeções ocorreram em maio), mas sem grande expressão.

Devido à falta de chuva no mês de julho, foi necessário regar mais do que o normal, obrigando os viticultores que não têm sistema de rega instalado a recorrer a cisternas para rega localizada.



Figura 125. Cachos de uvas da casta “Loureiro” no estado fenológico L (fecho dos cachos), Santa Cruz do Lima, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho



Figuras 126 e 127. Vinha da casta “Alvarinho” no fecho dos cachos, Pias – Monção, zona de observação do Minho
Fotos por: Aurora Alves

Na restante sub-região, a vinha está no início do pintor e apresenta bom desenvolvimento vegetativo. As condições climatéricas das últimas semanas foram favoráveis e os picos de calor ocorreram numa fase inicial da desfolha e desponta, com os cachos ainda protegidos da ação direta do sol e com as videiras hidricamente equilibradas. Os ataques de Míldio em finais de maio/início de junho resultaram em perdas de produtividade que estabilizaram, estimando-se uma perda de 5%, em relação à última campanha.

8.2 *Trás-os-Montes*

Relativamente à cultura da vinha na Terra Fria, onde a única finalidade é a produção de vinho, os produtores têm feito um esforço acrescido para manter a vinha em bom estado vegetativo. Os tratamentos fitossanitários são o principal recurso para manter a cultura com bom vigor vegetativo.

Nesta campanha, os produtores referem já ter realizado maior número de tratamentos para controlo de doenças criptogâmicas que na campanha anterior, com menor intervalo temporal entre cada aplicação. Neste momento os cachos estão formados/separados e apresentam alguma irregularidade e assimetria entre os bagos.

Os dias extremamente quentes têm provocado, em algumas vinhas, problemas de escaldão, pelo que os produtores atrasam a realização das desfolhas, fazendo-as de forma muito cuidada para não exporem demasiado os cachos.



Figuras 128 e 129. Aspeto da vinha e das uvas, numa vinha não aramada em regime de sequeiro, julho 2025, Outeiro - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

No Planalto Mirandês, os cachos apresentam-se regulares, abundantes, livres de doenças ou pragas e por isso em bom estado e desenvolvimento vegetativo. Afigura-se um ano bom para esta cultura, mas aparentemente as produtividades serão ligeiramente inferiores às do ano de 2024.



Figuras 130 e 131. Vinha velha não aramada e pormenor dos seus cachos, julho 2025, Prado Gatão - Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins



Figuras 132 e 133. Vinha jovem aramada (cima) e pormenor dos seus cachos (esq.), julho 2025, Prado Gatão – Miranda do Douro

Fotos por: Miguel Martins

Na Terra Quente, mais precisamente no concelho de Valpaços, têm sido registados problemas fitossanitários com Oídio (*Erysiphe necator*), associados a mau arejamento das videiras.



Figuras 134 e 135. Sintomas de Oídio nos cachos (esq.), em vinha pouco arejada

Fotos por: Paulo Guedes

Nesta região verifica-se algum atraso na maturação das uvas e prevê-se uma quebra da produção, face ao ano anterior.



Figuras 136 e 137. Diferença de desenvolvimento da vinha em 2024 (esq.), face ao seu desenvolvimento em 2025 (dir.), julho 2025, concelho de Valpaços

Fotos por: Paulo Guedes

No Douro Sul, onde está inserida a Região Demarcada do Douro, a diferença de desenvolvimento das uvas é bastante notória, em função da casta considerada e da localização da vinha. Nas zonas mais quentes e secas (Douro Superior) a maioria das vinhas encontra-se já no Pintor (ver fotos 140 e 141), enquanto nas zonas mais “frescas e húmidas” (Baixo Corgo) ainda é possível encontrar plantas no estado de Cacho fechado (ver foto 138).



Figuras 138 e 139. Videira no estado de Cacho fechado (esq.) e videira no estado de Pintor (dir.), 14.07.2025, Alvações do Tanha – Vilarinho dos Freires

Fotos por: Suzana Fonseca



Figuras 140 e 141. Videiras no estado de Pintor, 14.07.2025, Beira Grande – Carrazeda de Ansiães

Fotos gentilmente cedidas por: Alexandrina Salgado Areias (AANT)

As elevadas temperaturas sentidas em determinados períodos do mês de julho (nomeadamente na última semana do mês) provocaram uma paragem de crescimento/desenvolvimento das videiras, atrasando o Pintor e a Maturação das uvas.

Em termos produtivos, e como tem vindo a ser referido ao longo do ano agrícola, a vinha na região transmontana sofreu problemas relacionados com diminuição da “novidade” (menor número de cachos visíveis), desavinho provocado pelo mau vingamento dos frutos e ataques severos de Míldio (resultantes da maior humectação das folhas).

Por outro lado, e em resultado dos baixos rendimentos obtidos na campanha anterior, grande parte dos viticultores optou por atrasar a realização do primeiro tratamento preventivo contra o Míldio, numa tentativa de reduzir os custos de produção. Esta decisão revelou-se desastrosa em alguns locais, comprometendo boa parte da produção deste ano.

Durante o mês de julho, também se registaram nas vinhas da região problemas com Oídio e Cicadelídeos (*Empoasca vitis* e *Jacobiasca lybica*), que levaram os produtores a realizar aplicações de enxofre em pó (ou outros produtos homologados para o fungo) e de inseticidas.

As previsões apontam para uma redução global de 15 a 20% da produtividade de uvas para vinho na região transmontana, sendo que em algumas vinhas do Baixo Corgo a produção será praticamente nula.

9 Olival

9.1 *Entre Douro e Minho*

No EDM, os olivais apresentam-se no 2º estágio de desenvolvimento do fruto. A floração foi abundante, mas a taxa de vingamento não concretizou o número de frutos expectável. Verifica-se alguma heterogeneidade e é possível encontrar oliveiras com bom potencial de produtividade e outras um pouco mais pobres. Contudo, nesta fase estima-se que a produtividade seja superior à da última campanha.



Figura 142. Oliveira com frutos vingados, Correlhã, zona de observação do Vale do Lima
Foto por: Sandra Coelho

9.2 Trás-os-Montes

Ao contrário do que aconteceu nas duas últimas campanhas, este ano as oliveiras apresentam-se com menor quantidade de fruto, prevendo-se uma descida da produtividade. A floração foi boa, mas o vingamento dos frutos ficou comprometido pelas condições climatológicas.

Na Terra Fria as oscilações térmicas acentuadas e as trovoadas tiveram um impacto negativo no vingamento, pelo que se observam poucos frutos e muito dispersos pelos ramos das oliveiras (ver foto 144). Também é possível encontrar pedúnculos e frutos já secos.



Figuras 143 e 144. Aspeto do olival e da azeitona, julho 2025, Outeiro - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

No Planalto Mirandês mantem-se o atraso de desenvolvimento referenciado no Boletim de junho, face ao mesmo período do ano anterior.

Também aqui os produtores receiam uma descida na produtividade, mas neste momento os pequenos frutos já estão bem definidos e apresentam-se em bom estado vegetativo.



Figuras 145 e 146. Aspeto da azeitona de duas oliveiras distintas, em olival antigo, julho 2025, Castelo Branco – Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins

10 Prados, pastagens e culturas forrageiras

10.1 *Entre Douro e Minho*



Figura 147. Área de milho silagem, se sementeira tardia, mas com bom desenvolvimento vegetativo, Ferreira – Paredes de Coura, zona de observação do Minho

Foto por: Aurora Alves

Existem problemas no desenvolvimento das forragens anuais de milho e sorgo forrageiro, com searas de aspeto muito diverso – ou porque foram semeadas mais tarde devido a um prolongado período de chuva seguido de muito calor (que secou de imediato as terras) ou porque foi preciso regar, para garantir a emergência de sementeiras realizadas há um mês. Nestas searas o milho está no estado de 2 folhas.

Casos houve em que foi necessário proceder a uma segunda sementeira.

No entanto, também há sementeiras que foram realizadas com as condições ideais, onde não tem faltado rega (nomeadamente com sistemas mais eficientes como a fita de rega) e que por isso apresentam excelente aspeto vegetativo.

A estimativa é para um ligeiro aumento na produtividade do milho forragem (+1%), enquanto a estimativa é de uma diminuição da produtividade do sorgo forrageiro (-2%), quando comparadas com o ano transato.

Para as pastagens temporárias, a estimativa é de um ligeiro aumento da produção (+1%), por comparação com o ano passado.



Figuras 148 a 151. Milho forragem onde são visíveis diversos problemas de desenvolvimento vegetativo, zona de observação de entre Douro e Vouga
Fotos por: Isabel Correia



Figura 152. Campos em socalcos com forragens cortadas, Branda do Alhal – Sistelo, zona de observação do Lima

Foto por: Sandra Coelho

Os prados de regadio, de sequeiro e as pastagens pobres estão com fraco desenvolvimento vegetativo. Houve recuperação devido à precipitação ocorrida dia 20, com os prados a ficarem mais verdes, mas foi por pouco tempo já que as altas temperaturas se mantêm.



Figuras 153 e 154. Corte de forragens em Padrão, zona de observação do Lima

Fotos por: Sandra Coelho

Nas zonas de montanha está agora a realizar-se o corte das ervas nos lameiros, e constata-se que o rendimento é, também, superior.

A estimativa é um ligeiro aumento para as restantes forrageiras, como sejam a aveia forrageira (+1%), o azevém forrageiro (+2%) e as consociações (+1%), quando comparamos com os valores do ano passado.



Figura 155. Animais a pastorear, São Pedro de Arcos, zona de observação do Vale do Lima
Foto por: Sandra Coelho

Já para as pastagens permanentes, a estimativa é de uma produção igual à verificada no ano passado.

Mantém-se idêntico o contributo das rações industriais na alimentação das diferentes espécies pecuárias.

10.2 Trás-os-Montes

Por toda a área da Terra Fria o corte dos fenos está concluído e neste momento os produtores fazem a recolha de campo e o acondicionamento dos fardos/rolos de todas as forrageiras.

Foi durante a primeira quinzena do mês que se observou, no concelho de Bragança, a maior área cortada de culturas forrageiras. Na segunda quinzena do mês verificou-se uma azáfama maior no concelho de Vinhais, uma vez que, na área mais a norte da zona de observação os solos dispõem de mais água, a vegetação herbácea estava ainda verde, o que atrasou a maturação e secagem dos lameiros. As condições meteorológicas instáveis que ocorreram no final do mês de junho e início do mês de julho, com a ocorrência de trovoadas, atrasaram os trabalhos de corte e secagem dos fenos, mas de forma heterogénea no território. Apesar destas trovoadas e da queda de granizo, não foram verificados no campo ou relatados pelos produtores, prejuízos com representatividade. Neste momento decorrem os trabalhos de recolha e armazenamento dentro da normalidade.



Figura 156. Pastagem permanente de sequeiro, julho de 2024, Gimonde - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 157. Pastagem permanente de sequeiro, julho de 2025, Gimonde - Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

Estamos perante uma campanha de excelência para todo o tipo de forrageiras. Segundo os produtores e também observado em campo, existe muita erva e os fenos estão ótimos; quer em quantidade, quer em qualidade. Como referido no relatório anterior, estamos perante uma campanha semelhante ao ano anterior, com boas produtividades para esta área de observação. Segundo os produtores o grão de aveia está muito bom, mas a quantidade de matéria seca é um pouco menor, pois as plantas estavam mais pequenas e renderam menos em fardo.

Os produtores pecuários mantêm a tranquilidade no setor, que está estável, existindo muita disponibilidade de alimento no momento, quer em verde, quer em alimentos grosseiros, que serão armazenados para garantir a alimentação do efetivo durante o período de inverno.

O canal de comercialização da carne continua a funcionar sem constrangimentos. Neste momento decorrem as trocas comerciais do excedente de feno, para outras explorações. Segundo declarações dos produtores, o preço mantém-se igual ao do ano anterior, seja rolo/fardo de feno ou aveia.

As pastagens permanentes de regadio e algumas pastagens permanentes de sequeiro de solos mais fundos, continuam a disponibilizar matéria verde para o pastoreio direto, mesmo após o corte dos fenos. As pastagens permanentes de sequeiro localizadas nas encostas estão secas, não oferecendo condições para o pastoreio, contrariamente ao ano anterior (ver fotos 156 a 159).



Figura 158. Pastagem permanente de regadio, julho de 2024, Rebordãos - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra



Figura 159. Pastagem permanente de regadio, julho de 2025, Rebordãos - Bragança

MESMA PARCELA, ANOS DIFERENTES

Segundo declarações dos produtores e pelo observado em campo, estamos perante um ano de excelentes produções em todas as culturas forrageiras, à exceção da aveia enfardada com grão como alimento grosseiro.



Figura 160. Bovinos de raça mirandesa em pastoreio numa PP de regadio/sequeiro, Vinhais



Figura 161. Bovinos de raça cruzada em pastoreio numa PP de sequeiro/regadio, Carragosa - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

Os produtores pecuários que fazem silagem declaram que, com as mesmas áreas semeadas, produziram ligeiramente mais que no ano anterior. Neste momento não se verificam constrangimentos para alimentar os efetivos pecuários. Os produtores declaram que têm alimentos grosseiros armazenados em quantidades mais que suficientes para suprirem as necessidades dos efetivos pecuários durante o próximo inverno (ver foto 163), quer seja em grão, palha, feno, aveia forrageira ou nos silos.



Figura 162. Aspeto da matéria verde (feno) em secagem, Espinhosela - Bragança



Figura 163. Acondicionamento de rolos de palha e de feno ao ar livre, Deilão - Bragança

Fotos por: Anabela Coimbra

No Planalto Mirandês, não há relatos de que se tenham verificado percalços nos trabalhos de corte dos lameiros. A safra aproxima-se do final e ainda são visíveis em campo os rolos e fardos das aveias e dos fenos.

Este foi o segundo ano consecutivo em que choveu a maioria dos meses, o que foi favorável para as aveias e fenos, que apresentam produtividades boas e semelhantes às do ano de 2024.

A maioria das pastagens alvo de corte produziu e devolveu nova matéria verde, que continuou a providenciar pasto para os animais, tal como aconteceu no ano passado, sensivelmente na mesma medida.



Figura 164. Rolo de aveia (esq.), Sanhoane - Mogadouro

Figura 165. Parcela com rolos de aveia (baixo), Vila de Ala - Mogadouro

Fotos por: Miguel Martins





Figura 166. Parcela com rolos de aveia, Vila Chã de Braciosa – Miranda do Douro



Figura 167. Parcela de aveia após o corte (onde é visível o surgimento espontâneo de azevém),
Fonte de Aldeia – Miranda do Douro



Figura 168. Lameiro onde é visível a presença de matéria verde e que ainda não acusa stress hídrico, apesar de semanas sem precipitação e com temperaturas elevadas, Penas Roidas – Mogadouro
Fotos por: Miguel Martins



Figura 169. Pastagem permanente, Penas Roias – Mogadouro

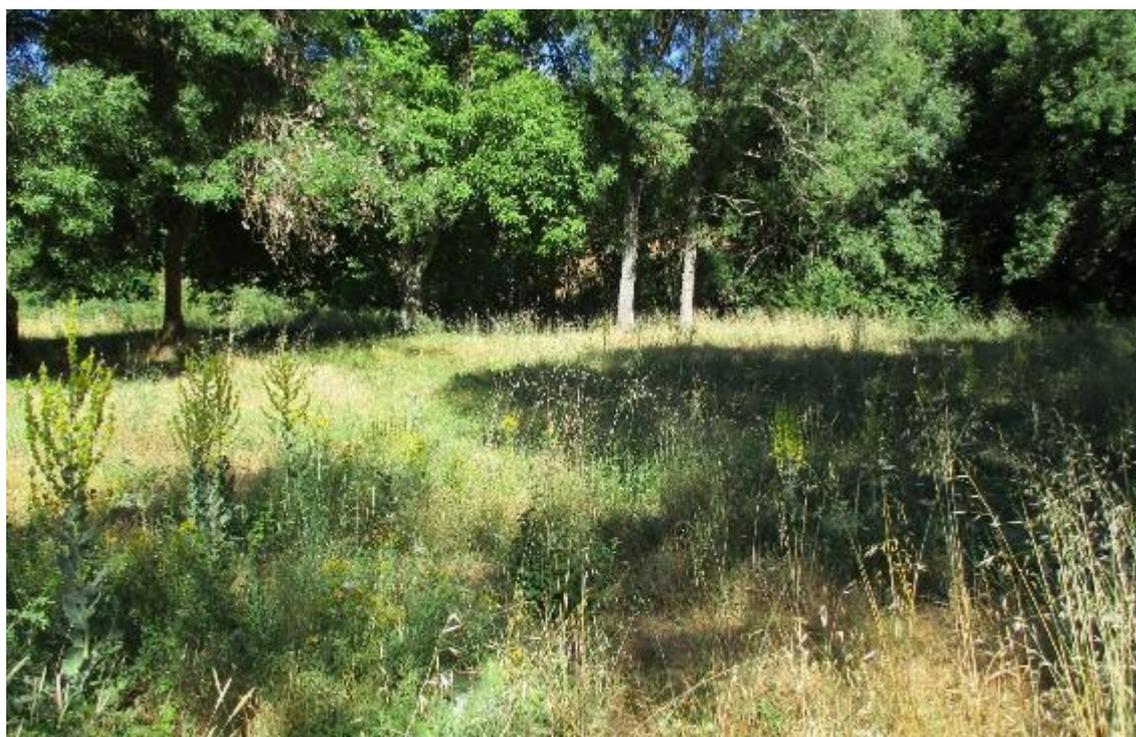


Figura 170. Mesma parcela da foto anterior, onde já é visível muita vegetação espontânea



Figura 171. Lameiro após corte, onde é possível observar o ressurgimento do pasto, Brunhosinho - Mogadouro



Figura 172. Lameiro no qual é habitual haver encharcamento e que, de momento facilmente forneceria nova matéria verde, caso fosse cortado.

Fotos por: Miguel Martins

11 Tabelas com previsões das áreas semeadas, das produtividades e estimativas da produção

Tabela 1. Evolução da produção de cereais praganosos para grão, comparativamente ao ano anterior

Localização	Aveia		Centeio		Cevada		Trigo		Triticale	
	%	t	%	t	%	t	%	t	%	t
Entre Douro e Minho	102	104	100	108	0	0	100	8	0	0
Ave	100	22	100	16	0	0	0	0	0	0
Basto	100	8	100	20	0	0	100	3	0	0
Cávado	100	16	100	20	0	0	0	0	0	0
Entre Douro e Vouga	116	20	105	1	0	0	0	0	0	0
Grande Porto	75	10	100	1	0	0	0	0	0	0
Ribadouro	100	4	100	24	0	0	100	5	0	0
Vale do Lima	100	3	98	13	0	0	0	0	0	0
Vale do Minho	120	14	110	5	0	0	0	0	0	0
Vale do Sousa	100	8	100	7	0	0	0	0	0	0
Trás-os-Montes	99	2 013	101	8 340	96	147	105	2 680	118	625
A. Tâmega e Alvão P.	101	65	100	2 608	131	9	100	75	100	19
Barroso	100	16	100	985	0	0	100	9	0	0
Beira Douro e Távora	105	11	108	206	0	0	0	0	0	0
Corgo e Marão	76	3	100	25	100	2	0	0	0	0
Douro Superior	87	36	98	193	139	11	99	58	0	0
Planalto Mirandês	95	993	104	1 060	79	63	107	1 644	121	438
Terra Fria	100	505	100	2 548	100	40	100	630	100	124
Terra Quente	109	383	107	715	131	23	105	265	176	45
Região Norte	99	2 118	101	8 448	96	147	105	2 689	118	625

Tabela 2. Evolução da produtividade da batata de sequeiro e de regadio, comparativamente ao ano anterior

Localização	Batata-Regadio		Batata-Sequeiro	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	101	17 692	95	4 219
Ave	92	14 795	97	229
Basto	144	24 892	96	29
Cávado	100	16 724	100	1 032
Entre Douro e Vouga	90	14 460	90	266
Grande Porto	90	18 070	90	881
Ribadouro	100	16 048	90	52
Vale do Lima	100	19 208	95	1 274
Vale do Minho	100	20 068	99	335
Vale do Sousa	100	19 811	90	122
Trás-os-Montes	101	21 399	103	7 356
A. Tâmega e Alvão P.	99	22 942	117	1 216
Barroso	100	25 000	100	1 177
Beira Douro e Távora	100	25 000	100	482
Corgo e Marão	100	24 807	100	829
Douro Superior	101	20 231	101	864
Planalto Mirandês	100	20 924	100	1 194
Terra Fria	105	22 991	100	1 292
Terra Quente	101	13 293	100	301
Região Norte	101	20 027	100	11 575

Tabela 3. Evolução da área semeada com milho grão de regadio e da produtividade do milho grão de sequeiro, comparativamente ao ano anterior

Localização	Área		Produtividade	
	Milho-Regadio %	Milho-Regadio Grão ha	Milho-Sequeiro %	Milho-Sequeiro Grão Kg/ha
Entre Douro e Minho	99	11 975	97	2 192
Ave	93	1 425	87	1 560
Basto	100	805	100	2 392
Cávado	100	3 419	100	3 415
Entre Douro e Vouga	100	667	80	2 609
Grande Porto	100	601	80	2 389
Ribadouro	100	1 336	100	1 570
Vale do Lima	97	1 456	105	1 533
Vale do Minho	100	588	99	1 863
Vale do Sousa	100	1 677	100	1 700
Trás-os-Montes	100	1 940	101	1 090
A. Tâmega e Alvão P.	100	893	107	852
Barroso	100	390	100	1 093
Beira Douro e Távora	100	76	100	1 500
Corgo e Marão	100	83	100	1 027
Douro Superior	100	71	100	1 105
Planalto Mirandês	100	211	100	1 323
Terra Fria	100	60	100	970
Terra Quente	100	156	100	746
Região Norte	99	13 915	98	1 582

Tabela 4. Evolução da produtividade de feijão e grão-de-bico, comparativamente ao ano anterior

Localização	Feijão		Grão de Bico	
	%	Kg/ha	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	104	683	0	0
Ave	132	919	0	0
Basto	100	539	0	0
Cávado	100	759	0	0
Entre Douro e Vouga	100	842	0	0
Grande Porto	100	986	0	0
Ribadouro	100	433	0	0
Vale do Lima	100	423	0	0
Vale do Minho	100	589	0	0
Vale do Sousa	100	879	0	0
Trás-os-Montes	100	708	101	679
A. Tâmega e Alvão P.	100	621	100	639
Barroso	100	888	0	0
Beira Douro e Távora	98	914	100	947
Corgo e Marão	100	945	100	750
Douro Superior	100	752	100	731
Planalto Mirandês	100	880	100	791
Terra Fria	105	685	105	662
Terra Quente	100	647	100	515
Região Norte	101	705	101	679

Tabela 5. Evolução da produtividade de maçã, pera e pêssigo e da produção de cereja, comparativamente ao ano anterior

Localização	%	Produtividade				Produção		†
		Maçã Kg/ha	Pera %	Pêssego Kg/ha	Cereja %			
Entre Douro e Minho	97	6 070	97	4 029	103	2 756	120	2 657
Ave	100	6 117	100	3 969	108	2 031	94	1
Basto	93	5 668	95	5 124	100	671	116	4
Cávado	100	9 699	101	4 413	102	3 250	100	2
Entre Douro e Vouga	100	7 930	100	8 336	120	7 179	30	0
Grande Porto	100	6 720	100	6 912	120	6 895	30	0
Ribadouro	90	3 435	91	2 647	100	647	120	2 637
Vale do Lima	98	4 446	98	3 457	90	3 790	85	2
Vale do Minho	90	4 421	90	3 478	90	3 001	90	1
Vale do Sousa	90	4 866	90	2 152	100	435	120	9
Trás-os-Montes	92	27 494	100	11 085	72	8 928	88	2 935
A. Tâmega e Alvão P.	100	18 323	100	15 830	74	5 459	91	253
Barroso	100	6 316	100	6 750	100	4 000	100	2
Beira Douro e Távora	90	29 925	100	12 812	90	7 135	90	1 205
Corgo e Marão	90	29 917	100	11 891	87	6 507	92	79
Douro Superior	99	24 123	100	11 027	70	11 733	82	514
Planalto Mirandês	100	11 157	100	6 840	100	6 396	109	104
Terra Fria	95	11 260	100	4 812	100	1 758	110	228
Terra Quente	100	17 007	100	8 148	70	8 318	80	548
Região Norte	92	25 956	100	8 871	73	7 863	101	5 592

Tabela 6. Evolução da produtividade da uva de mesa e da produção de mirtilo, comparativamente ao ano anterior

Localização	Produtividade Uva de Mesa		Produção Mirtilo	
	%	Kg/ha	%	†
Entre Douro e Minho	90	3 280	115	4 744
Ave	0	0	113	345
Basto	90	1 620	111	92
Cávado	0	0	100	432
Entre Douro e Vouga	0	0	112	464
Grande Porto	0	0	108	303
Ribadouro	90	3 610	120	2 437
Vale do Lima	0	0	105	176
Vale do Minho	0	0	111	126
Vale do Sousa	90	2 430	120	369
Trás-os-Montes	93	2 013	100	886
A. Tâmega e Alvão P.	100	1 894	100	170
Barroso	0	0	100	4
Beira Douro e Távora	91	3 721	100	233
Corgo e Marão	67	581	100	57
Douro Superior	94	1 687	100	91
Planalto Mirandês	95	2 345	105	70
Terra Fria	94	2 436	100	72
Terra Quente	96	2 676	100	188
Região Norte	92	2 188	112	5 630

Tabela 7. Evolução da produtividade da uva para vinho (mosto), comparativamente ao ano anterior

Localização	Uva para Vinho (mosto)	
	%	hl/ha
Entre Douro e Minho	98	6 271
Ave	105	18 832
Basto	88	6 535
Cávado	100	4 109
Entre Douro e Vouga	197	2 399
Grande Porto	95	4 036
Ribadouro	90	2 551
Vale do Lima	100	4 755
Vale do Minho	100	5 046
Vale do Sousa	90	4 471
Trás-os-Montes	83	2 093
A. Tâmega e Alvão P.	97	1 288
Barroso	100	1 433
Beira Douro e Távora	97	3 077
Corgo e Marão	71	2 064
Douro Superior	96	2 180
Planalto Mirandês	95	1 400
Terra Fria	93	1 314
Terra Quente	34	1 160
Região Norte	91	3 371

Tabela 8. Evolução da produtividade de amêndoa, comparativamente ao ano anterior

Localização	Amêndoa	
	%	Kg/ha
Entre Douro e Minho	100	794
Ribadouro	100	865
Vale do Sousa	100	578
Trás-os-Montes	76	506
A. Tâmega e Alvão P.	50	339
Barroso	100	139
Beira Douro e Távora	99	575
Corgo e Marão	99	761
Douro Superior	86	616
Planalto Mirandês	91	631
Terra Fria	110	543
Terra Quente	50	282
Região Norte	76	506